

A semiótica peirceana como uma estratégia de leitura para a imagem “Lixo no rio” da WWF®¹

The peircean semiotics as a reading strategy for the image "Garbage in the river" from WWF®

Patrícia de Oliveira Rosa-Silva (porsilva@uel.br)

Carlos Eduardo Laburú (laburu@uel.br)

Universidade Estadual de Londrina

Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar um exemplar de imagem da ONG World Wildlife Fund (WWF®), tendo o referencial semiótico peirceano como ferramenta analítica de estratégia de leitura imagética sobre algumas questões ambientais denotadas no vídeo. A investigação faz-se necessária na medida em que estamos diante de um cenário imagético ambiental cumulativo e que, na maioria das vezes, é consumido de forma efêmera, ilustrativa e passiva em sala de aula. Trata-se de uma investigação exploratória, de abordagem qualitativa, cujo método de pesquisa é o documental. A análise, com um olhar peirceano, permite uma visão ampla dos signos retratados na imagem, uma vez que, transitando por entre os signos ícone, índice e símbolo, é possível uma apreensão global dos constituintes denotativos e conotativos da temática retratada, além da formulação de perguntas em busca da face da significação, como propõe a Educação Ambiental.

Palavras-chave: Leitura imagética. Semiótica peirceana. Conceito ambiental. Educação Ambiental.

Abstract

This paper aims to analyze images of the NGO World Wildlife Fund (WWF®), having the Peircean semiotic referential as an analytical tool for reading imagery on some environmental questions denoted in the video. The investigation is important as we are in front of the cumulative environmental scenery, that most of the time, is consumed in ephemeral form, illustrative and passive in the classroom. It is an exploratory investigation, qualitative approach, which research method is the documentary. The analysis with a Peircean looking allows a large view of the signs described in the picture, since, moving among the signs of icon, index and symbol, it is possible an overall apprehension of the denotative and connotative constituents of the described thematic, beyond the formulation of questions in search of the meaning of the signification face, as proposed by the Environmental Education.

Keywords: Reading imagery. Peircean Semiotics. Environmental concept. Environmental Education.

¹ CNPq, Fundação Araucária, FAPESP/UEL.

Introdução

Com o advento da era tecnológica, vivemos cada vez mais rodeados de linguagens visuais para serem exploradas em diferentes situações do cotidiano, e no contexto escolar as imagens têm tido um lugar de destaque, pois elas ganham outra temporalidade, objetivos pedagógicos e significados, levando ao diálogo, por exemplo, acerca das questões ambientais (REIGOTA, 2002). É na situação educativa que um vídeo de Educação Ambiental, por exemplo, pode adquirir seu significado mais pleno e complexo (SANTAELLA, 2008). Dependendo das funções que as imagens exercem em sala de aula, elas são muito recomendadas no processo educacional como construção social e cultural (REIGOTA, 2002).

Este artigo tem como objetivo analisar um exemplar de imagem da ONG WWF®, tendo a semiótica peirceana como ferramenta estrutural analítica. A abordagem de pesquisa é a qualitativa, no âmbito exploratório. Buscamos estabelecer relações entre a semiótica peirceana, como estratégia de leitura imagética, e tendências de Educação Ambiental, conforme Lima (2002). Nesse sentido, apresentamos um breve referencial sobre as tendências conservadora e emancipatória da Educação Ambiental, alguns estudos na área de leitura imagética no ensino de Ciências e, por fim, o referencial peirceano na perspectiva da imagem.

Tendências da Educação Ambiental

Na área da Educação Ambiental há duas tendências que servem de referência para identificar as concepções de práxis que a regem. “São concepções que se afinam à tendência de educação conservadora e à tendência de educação transformadora, emancipatória” (LIMA, 2002, p. 125).

A primeira tendência, a conservadora, interessa-se por não propor mudanças nas dimensões econômicas, políticas, éticas e culturais da estrutura social vigente. Sem levar o educando a compreensão da atual dinâmica social, essa tendência educacional tem como objetivo adequar ou mudar o comportamento dos sujeitos na perspectiva individualista referente aos problemas socioambientais, ou seja, sem mobilização coletiva e social (LIMA, 2002).

A segunda tendência, a emancipatória, prima pela problematização da realidade, assim como pela prática social e o exercício pleno da cidadania, com vistas à formação e à transformação integral dos aprendizes. Há, nessa tendência, uma preocupação concreta em estimular o debate e o diálogo sobre as questões socioambientais, apoiando-se também nas ciências, a fim de redefinir os saberes e os objetos de estudo. Além disso, enquanto espaço pedagógico, propõem-se reflexões profundas para a busca de atitude crítica frente aos desafios que a crise civilizatória dispõe-nos, partindo-se do princípio que é necessário criar novas alternativas, a partir da compreensão de mundo e de sociedade em que vivemos (LIMA, 2002; LOUREIRO, 2004).

Alguns estudos na área de leitura imagética no ensino de Ciências

Martins, Gouvêa e Piccinini (2005) listam alguns resultados de trabalhos com o uso de imagens no processo de ensino e aprendizagem, dentre eles: (1) as imagens são tidas como critérios pelos professores, para a adoção de livros didáticos; (2) as imagens, do ponto de vista cognitivo, facilitam a aprendizagem, deve-se, no entanto, levar em consideração os limites e potenciais didáticos das mesmas; (3) as imagens do tipo ilustrações com efeito positivo provocam a aprendizagem dos estudantes; (4) na conceituação, os estudantes engajam-se em indicar elementos composicionais da imagem, recorrem a experiências relevantes e estabelecem relações com o cotidiano, eles, porém, “apresentam dificuldades para identificar

elementos abstratos e que não possuem uma representatividade em seu universo mais próximo” (MARTINS; GOUVÊA; PICCININI, 2005, p. 39); (5) os estudantes do ensino fundamental II, ao lerem imagens de livros didáticos de Ciências sem instruções por parte do professor, tendem a realizar uma leitura seletiva, mostrando apenas um item contido na imagem (MARTINS; GOUVÊA; PICCININI, 2005).

Partindo das duas últimas dificuldades mencionadas, recorreremos à teoria semiótica que inclui uma variedade de signos, símbolos e regras disponíveis numa dada cultura em interação com os sujeitos que dela fazem parte (PERALES PALACIOS, 2006). A imagem vista dentro de um contexto semiótico é considerada um signo com muitos signos, tendo como denominador comum a relação desses signos com seus significados. Estão presentes nos ambientes de aprendizagens as imagens estáticas (fotografias, desenhos, ilustrações, diagramas, gráficos...) e as dinâmicas (infográficos, simulações, vídeos de curta-metragem e longa-metragem, publicidade, desenhos animados...) (PERALES PALACIOS, 2006).

Quando analisamos uma imagem, a sua linguagem visual engloba que signos? A partir de determinados signos e conceitos ambientais contidos na imagem, que perguntas podem ser feitas para uma leitura crítica da imagem? Que relações podem ser feitas entre a semiótica peirceana, como estratégia de leitura imagética, e tendências da Educação Ambiental?

A imagem como signo peirceano

Santaella (2008), ao interpretar Peirce, menciona que o signo (S) de imagem, a partir do modelo triádico do signo, é composto de um representamen (significante visual), que remete a um objeto (O) de referência presente ou ausente na imagem e evoca no observador um interpretante (I) (significado ou ideia) do objeto. Na Figura 1, temos um exemplo de diagrama, com o *Tripod*, representando a tríade signica, na qual o signo (representamen) faz a mediação entre o objeto e o interpretante.

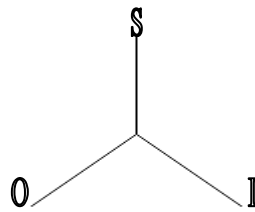


Figura 1 – Esquema do modelo triádico do signo (adaptado)
Fonte: Tienne (1992, p. 1.296 apud QUEIROZ, 2004, p. 54).

Nas palavras de Peirce (2008, p. 65): “Um Signo é um Representamen com um Interpretante mental”. Peirce (2008) considera que o signo provoca cognitivamente a mente do intérprete, constituindo um processo denominado, por ele, de semiose (ação do signo). O autor também define signo nos seguintes termos:

Um *Signo* é tudo aquilo que está relacionado com uma Segunda coisa, seu *Objeto*, com respeito a uma Qualidade, de modo tal a trazer uma Terceira coisa, seu *Interpretante*, para uma relação com o mesmo Objeto, e de modo tal a trazer uma Quarta para uma relação com aquele Objeto na mesma forma, *ad infinitum* (PEIRCE, 2008, p. 28 – grifos do autor).

O signo é algo que representa o seu objeto, “[...] o signo não é o objeto. Ele apenas está no lugar do objeto. Portanto, ele só pode representar esse objeto de um certo modo e numa certa capacidade” (SANTAELLA, 2005, p. 58). Por exemplo, a palavra, o desenho, o

esboço, a pintura, o filme ou a fotografia de uma cachoeira são representantes (signos) do objeto cachoeira e o ambiente global do qual ela faz parte pode ser representado parcialmente.

Para Peirce (2008), a tríade objeto, signo e interpretante possibilita uma lógica analítica a partir de distinções tricotômicas, na qual outra tríade é particularmente indispensável ao raciocínio. Ela engloba outros três tipos de signos, a saber: o ícone, o índice e o símbolo.

O signo ícone

O signo ícone “se assemelha àquilo que significa, da forma como a fotografia se assemelha ao objeto fotografado; o ícone é um sinal que se refere ao objeto que denota, em virtude de certas características que lhe são próprias” (PEIRCE, 1975, p. 27). Um ícone “pode representar seu objeto principalmente através de sua similaridade, não importa qual seja seu modo de ser” (PEIRCE, 2008, p. 64). Na definição peirceana, o ícone está diretamente relacionado com aspectos qualitativos: a luz, as cores, os tons, as formas, o volume, a textura, o brilho, o contraste, o movimento, o tamanho, etc. São signos pictóricos que têm como função aguçar os órgãos dos sentidos, “agredir”, por exemplo, a visão do intérprete. O interpretante, nesta categoria, está relacionado diretamente com as qualidades do signo.

Por exemplo, uma dada constelação, num primeiro momento, pode ser considerada um ícone, pois ela pode ser uma referência quanto ao brilho e à categoria de cores das estrelas que a compõe, assim como pela forma geométrica que a identifica. As cataratas do Iguaçu/PR também podem ser consideradas ícones, devido à exuberância (forma, tamanho, som, volume, entre outras qualidades) das 275 quedas de água, as quais são apreciadas por milhões de visitantes. Outros exemplos de ícones: “[...] imagens panorâmicas com a câmera em movimento explorando a paisagem das águas e da vegetação. [...]. No caso dos rios, são comuns as tomadas com a câmera viajando na velocidade dos barcos” (SANTAELLA, 2008, p. 119).

O signo índice

O índice é um signo “que se refere ao objeto que denota em virtude do fato de que é realmente afetado [por ele]” (PEIRCE, 1975, p. 28). Pode ser um existente individual ou uma referência (PEIRCE, 2008). Em outras palavras, um existente trata-se de qualquer “coisa” ou “fato” que seja um signo, que é apresentado por meio de suas qualidades (SANTAELLA, 1995, 2008), ou seja, ícones constituem um ou mais índices (signos denotativos). Por exemplo, quatro estrelas que formam uma cruz, que está acompanhada de uma quinta estrela, a Intrometida, denotam o Cruzeiro do Sul (esta constelação, na realidade, é formada por 54 estrelas).

Enquanto referência, o índice indica outra coisa com a qual ele está, de fato, relacionado, ligado, conectado, conferindo-lhe um interpretante factual (SANTAELLA, 2005). Tomemos o exemplo da constelação do Cruzeiro do Sul. Podemos considerá-la um indicial porque, por meio dela, podemos identificar o pólo celeste sul, o qual indica o pólo terrestre sul. Outros exemplos: regiões de clima temperado têm estações do ano bem definidas, logo, a vegetação florida na referida região indica a estação da primavera. Estratos condensados de nuvens do tipo nimbo são indícios de chuva. “[...] a sombra pode ser um ‘indício’ da posição do Sol” (PEIRCE, 1975, p. 27). Por fim, um índice é composto por ícones e é uma ou várias partes do signo. Segundo Santaella (2005, p. 14), “Qualquer produto do fazer humano é um índice mais explícito ou menos explícito do modo como foi produzido”.

O signo símbolo

O símbolo “é o nome geral ou descrição que significa seu objeto por meio de uma associação de ideias ou conexão habitual entre o nome e o caráter significado” (PEIRCE, 2008, p.10). O símbolo “é um signo cuja virtude significante se deve a um caráter que só pode ser compreendido com a ajuda de seu Interpretante” (PEIRCE, 2008, p. 28-29). Associa-se aos objetos pelas leis, normas e convenções compartilhadas culturalmente. O símbolo é um signo que apresenta o interpretante no nível do argumento, isto é, na relação profunda e inacabada entre os elementos do signo e a sua significação, através da linguagem do intérprete (sujeito psicológico) (SANTAELLA, 2005).

Baseando-nos, ainda, no exemplo da constelação do Cruzeiro do Sul e levando-o para a sala de aula, este foi convencionado cientificamente, assim como a localização do Cruzeiro do Sul, a fim de determinar o pólo terrestre sul, portanto a direção sul. O conceito de estações do ano também é uma convenção, logo um símbolo. O mesmo é válido para os outros substantivos científicos: nuvens, nimbo, chuva, primavera, sombra, Sol.

O símbolo é aplicável a todos os signos que possam concretizar uma interpretação, um significado, à palavra em si mesmo. Assim sendo, partimos do pressuposto que conhecimento científico/ambiental é símbolo, por relacionar um ou mais significados a um termo convencional.

Com os conceitos de ícone, índice e símbolo, analisamos a imagem “Lixo no rio” como alternativa de estratégia de leitura imagética para ser explorada em sala de aula, com o olhar da teoria semiótica peirceana em contraste com as tendências da Educação Ambiental. Entendemos que os estudantes não necessitam compreender os conceitos peirceanos, mas sim o professor que, ao aprender tais conceitos, poderá direcionar a leitura imagética para o ponto que considerar mais importante.

Procedimentos metodológicos

Este artigo foca a pesquisa documental de análise imagética de um kit de signos artísticos usado em momentos de instrução de ensino. É parte de uma pesquisa ampla, em andamento, que tem como um dos objetivos identificar interpretantes que os estudantes externam acerca do conteúdo gestão de resíduo sólido doméstico.

A investigação tem uma abordagem qualitativa/interpretativa, de acordo com uma leitura feita a partir do referencial semiótico peirceano. A imagem analisada é um vídeo de curta-metragem (45 segundos), tipo animação, que faz parte da série “Pense de novo”. Vídeos da ONG WWF® são de acesso livre e estão disponíveis para *download* nos seguintes endereços eletrônicos: <www.panda.org>, <www.wwf.org.br>. As imagens aqui apresentadas tiveram os seguintes procedimentos de captura:

1. Assistimos ao vídeo, inúmeras vezes, até que fosse possível identificar o número de situações ambientais que o compõem. Desse modo, foram identificadas nove cenas, conforme a sequência temporal dos fatos (as três cenas apresentadas, a seguir, são apenas para dar uma ideia do conteúdo do vídeo ao leitor);

2. Ao assistir ao vídeo, procedemos ao *Print Screen* de cada uma das cenas, salvando-as na extensão jpg no arquivo *Paint* (*Windows*®7). Depois, elas foram transferidas para uma tabela no *Word*, dando a ideia de História em Quadrinhos (sem som de seres vivos, eventos ou objetos). A partir desse procedimento, transformamos o vídeo (imagem dinâmica) em imagem estática, porém a descrição da mesma deu-se partindo dos dois modos.

Por fim, a imagem foi descrita e analisada à luz do aporte teórico peirceano, e a partir da categorização realizada, perguntas foram sugeridas.

Apresentação e análise da imagem



“If you think pollution doesn’t affect you... Think again.”

Figura 1: Sequência de imagens do filme “Lixo no rio”

Fonte: <<http://www.youtube.com/watch?v=X3EoWESxabk>>

Decompomos a imagem categorizando-a nos três signos, segundo Peirce (2008), indispensáveis ao raciocínio. Elencamos, primeiramente, os signos icônicos (qualidades de aparência da imagem e aspectos denotativos/descriptivos), por segundo, os signos indiciais (colocamos os índices tidos como existentes na categoria dos ícones) e, por último, os símbolos (conceitos científicos com potencial de significação escolar). Nessa categorização, buscamos estabelecer relações entre semiótica peirceana e tendências da Educação Ambiental, a partir das perguntas elencadas para cada signo.

- Signos icônicos: o vídeo de curta-metragem, com duração de 45 segundos, é composto por cenas predominantemente gestuais acompanhadas por um fundo musical instrumental e sons específicos de determinados objetos.

Ele apresenta dois cenários distintos: um ambiente natural “distante” do cenário urbano e um doméstico, que foca o banheiro. No ambiente natural, a beleza e a tranquilidade atraem o intérprete, pois o céu azul límpido e a luz do dia retratam um tempo ensolarado; os ícones para os tipos de vegetação alta e rasteira são formados pela cor verde-musgo e por um conjunto de traços típicos que aparentam uma floresta tropical; a curva que forma o corpo hídrico (rio) tem a cor azul claro, o que dá a impressão de que a água é conservada. Além disso, o som das águas acompanha o curso do rio; a mata ciliar da esquerda é maior em relação à da direita, que é rasteira; as montanhas (ao fundo) e as rochas (no rio e no gramado) são bem características na forma (heteromórficas) e na cor (acinzentadas); há duas borboletas que sobrevoam o ambiente e o som que as acompanha são característicos de determinados insetos. A imagem icônica tem um *status* analógico, já que retrata, por similaridade, a realidade. No ambiente domiciliar (banheiro), o foco está no *Box*, em que a tampa distribuidora de água do chuveiro transforma-se em uma “bocarra ejetora de resíduos”. Nesse momento, a imagem ganha um *status* metafórico e “surrealista”, o qual é explicitado mais adiante.

Nos dois ambientes transita um homem, motorista de um caminhão-caçamba de cor vermelha, que transporta resíduos sólidos domésticos para o leito do rio. Os resíduos possíveis de identificar na imagem são: pneu, tambor, saco cheio de “lixos”, toras de madeira e uma latinha de alumínio, que é lançada sobre a rocha, emitindo um som peculiar. Depois disso, ele vai embora para a sua suposta casa. O som da lata na rocha chama a atenção, porque

o mesmo repete-se ao final do vídeo, quando ela toca a cabeça dele. Nos segundos finais aparece a mensagem escrita, em inglês: “If you think pollution doesn’t affect you... Think again.” Em português: “Se você pensa que a poluição não afeta você, pense de novo”.

Partindo da descrição dos signos icônicos da imagem, as perguntas pertinentes a essa categoria sígnica são as sugeridas, a seguir:

1. Do que trata o filme?
2. Quantos cenários o filme apresenta?
3. Descreva a imagem em relação aos objetos possíveis de serem identificados nas cenas (objetos do primeiro e segundo planos, quantidade, cores, formas, emissão de som, características típicas...).
4. Qual é o personagem principal do filme?
5. O que ele faz entre um ambiente e outro?
6. O que aconteceu com o chuveiro no *Box* do banheiro?

Ao aproximar a leitura imagética icônica da característica de uma das tendências de educação ambiental, caracterizada por Lima (2002), podemos observar que os conteúdos de resposta às questões acima estão na perspectiva reducionista acerca das discussões dos problemas ambientais apresentados no vídeo, uma vez que o intérprete descreverá aspectos denotativos, os quais não estabelecem relações entre o modelo de consumo e os desafios da crise atual do “lixo”, em que o padrão de consumo de resíduos sólidos tem sido maior que a gestão adequada desses.

Vejamos, a seguir, para que característica de educação ambiental os signos indiciais apontam-nos. Os termos, em itálico, são os índices acerca da temática.

- Signos indiciais: no ambiente natural, já na primeira cena, ainda que tenhamos uma bela paisagem, com diferentes estratos arbóreos, borboletas representando parte da fauna do ambiente, observa-se a mata ciliar, à direita do rio, *devastada*. Da segunda a quinta cenas, o cenário ganha outro contexto pela *ação antrópica negativa*, pois o motorista lança no rio uma variedade de resíduos sólidos: tambor, pneu, toras de madeira, sacos de “lixo”, entre outros, representando, assim, *o gerador de resíduos sólidos*. Ao final do despejo de todos esses resíduos, ele sai da cabine do caminhão e reforça a sua *afronta contra a natureza*, da qual ele faz parte, lançando uma lata de alumínio no rio, que ele acabou de esvaziá-la com o seu último gole.

Da sexta a oitava cenas, o vídeo mostra o ambiente privativo do ser humano: o banheiro. A imagem ganha um caráter metafórico, pois o protagonista, ao tomar banho, surpreende-se com a *ação (surreal) do chuveiro* que, numa *atitude de vingança*, tem a função de retribuir de forma avassaladora os mesmos resíduos que ele depositou em local inapropriado, retratando a ideia de que aquilo que se faz contra a natureza, tem um retorno negativo também para o próprio homem.

Para a leitura indicial em sala de aula, elaboramos as perguntas, a seguir:

1. Compare a mata ciliar das duas margens do rio, o que ela pode nos indicar em relação à conservação do seu ambiente?
2. Cite duas ou três consequências para a água e para os seres que dela dependem, quando esta recebe grande quantidade de concentração de poluentes no seu curso.
3. Que nome você daria para a atitude da pessoa que descarta resíduos sólidos em local impróprio? Justifique.

4. Em sua opinião, o que leva as pessoas a poluírem os rios, os solos e a devastar as matas?

5. Por que é difícil as pessoas seguirem regras coletivas para o bem comum de todos?

6. Para você, o que significa a expressão: “Se você pensa que a poluição não te afeta, pense de novo”.

O homem (ícone de uma sociedade consumista) é o personagem principal de uma atitude predatória em relação ao meio ambiente e representa todos os cidadãos que, numa atitude desrespeitosa, agem da mesma forma. Se todas as pessoas decidirem lançar resíduos sólidos em cursos d'água, esta estará poluída e contaminada por determinadas substâncias, assim como o tipo de solo que forma o seu substrato, pois a poluição está diretamente relacionada com certa concentração de poluentes. O cenário, apresentado no vídeo, indica-nos também que os seres vivos que compõem o ambiente aquático estarão com a sua sobrevivência em risco, uma vez que muitos peixes, por exemplo, poderão engolir pequenos resíduos e morrer asfixiados. A natureza tem nos mostrado que toda a afronta do homem sobre ela (devastação, queimadas, emissão de gases efeito estufa, extinção de espécies, entre outros) tem sido revertida sobre si mesma, da qual o ser humano é parte, o que pode ser observado através das enchentes, deslizamentos de encostas, secas, aquecimento global, etc.

Ainda que os possíveis conteúdos de respostas às questões estejam sob o domínio da imagem, pois a temática comportamentalista e individualista para os problemas socioambientais (LIMA, 2002) estão retratados no vídeo, há possibilidades de o professor fazer reflexões na perspectiva coletiva acerca da enorme parcela de habitantes do planeta que, ao consumirem compulsivamente, são geradores incontroláveis de resíduos sólidos. A partir disso, trabalhar a questão da crescente concentração dos resíduos gerados a cada dia, que causam a poluição do meio ambiente, o desperdício de matérias-primas, o esgotamento dos recursos naturais, entre outros fatores ambientais e sociais. Baseando-se também na discussão da mensagem escrita no vídeo (questão 6), é possível iniciar o debate sobre a ideia de antropocentrismo.

- Signos simbólicos: indo à direção que os ícones e os índices apontam-nos, a imagem destaca como conceitos científicos centrais: o gerador de resíduos sólidos, o descarte inadequado de resíduos sólidos, a poluição da água do rio, a “hora do revidê” da natureza, a conservação ambiental. São excelentes conceitos para continuar o diálogo com os aprendizes e estimulá-los a argumentar a respeito da geração de resíduos na sociedade capitalista, onde o destino apropriado dos resíduos sólidos, dos compostos orgânicos e dos rejeitos é dever e direito de todos os cidadãos, das indústrias, dos governos, independente da esfera administrativa. Nesse sentido, os conceitos científicos sugeridos pela imagem podem relacionar-se a outras dimensões, tais como: sociedade capitalista, desigual; redução de consumo; coleta seletiva; política pública para resíduos sólidos, entre outras, uma vez que a imagem será mediadora de uma leitura conotativa de terceira a enésima ordem, extrapolando, assim, a leitura no domínio de si mesma.

Eis algumas questões para esse processo:

1. Em nossa sociedade, quais são as causas da geração de resíduos sólidos de forma desenfreada?

2. Em sua opinião, quais seriam as responsabilidades e estratégias corretas para a redução de resíduos sólidos por parte do cidadão comum? E por parte das indústrias, e do Estado?

3. Que argumentos podem ser apresentados sobre a gestão de resíduos sólidos, com vistas à redução da exploração dos recursos naturais?

4. Em sua opinião, por que as pessoas, consideradas cidadãos do ponto-de-vista do Estado democrático, deixam de reivindicar ou se movimentar, enquanto coletividade, em prol dos interesses e atitudes ambientalmente corretos?

5. No vídeo, a natureza reverte o malefício recebido à mesma pessoa que a causou. No dia-a-dia, porém, sabemos que tal “reversão” atinge variadas pessoas, de diferentes maneiras, sendo uma delas a exclusão de pessoas do meio socioambiental, levando-as à margem do consumo. Que reflexões você faria a respeito dessa afirmativa?

Na categoria simbólica, partindo para a discussão dos aspectos coletivos das questões socioambientais, com a exposição da imagem “Lixo no rio” da WWF®, entendemos que as perguntas com caráter de situação-problema possam ajudar o estudante na compreensão da sua realidade social para a indicação de novas alternativas ambientais acerca dos resíduos sólidos domésticos. Nesse sentido, a estratégia de leitura imagética passa a estimular o diálogo entre os intérpretes, redefinindo, através da reflexão, objetos de estudo, cuja preocupação é da Educação Ambiental transformadora (LIMA, 2002; LOUREIRO, 2004).

Algumas considerações

Partindo da análise realizada, podemos considerar que a semiótica peirceana juntamente com alguns pressupostos da Educação Ambiental, numa perspectiva cognitiva para a leitura imagética na escola, permite uma visão ampla dos signos retratados na imagem, uma vez que, transitando por entre os signos ícone, índice e símbolo, é possível uma apreensão global dos constituintes denotativos da temática retratada, para ir além destes na formulação de perguntas em busca da face da significação reflexiva. Possivelmente, sem esta análise, a leitura poderia ficar reduzida ao domínio da imagem, com o foco na Educação Ambiental conservadora.

Também podemos notar que o nível cognitivo das perguntas torna-se complexo de um signo para outro. Perguntas de caráter icônico são plenamente descritivas com base no domínio da imagem; perguntas indiciais são passíveis de inferências; e as simbólicas exigem explicações, reflexões e avaliações das questões ambientais no âmbito coletivo, como propõe a Educação Ambiental, exigindo-se conhecimento prévio plausível, pertinente e coerente por parte do professor, a fim de dialogar com os estudantes para que estes externem seus interpretantes, sendo estes de interesse de pesquisa acadêmica, atualmente.

Cabe salientar que a leitura da imagem “Lixo no rio” da WWF® é flutuante, pois, sob o domínio deste signo, há sugestões de dimensões acerca do tema. Nesse sentido, entendemos que a estratégia de leitura semiótica da imagem necessita caminhar junto com as tendências da Educação Ambiental, a fim de ressaltar que concepções ideológicas acompanham a imagem.

Referências

LIMA, G. F. C. Crise ambiental, educação e cidadania: os desafios da sustentabilidade emancipatória. In: LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P.P.; CASTRO, R. de S. (Orgs.) **Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania**. São Paulo: Cortez, 2002.

LOUREIRO, C. F. B. **Trajetória e fundamentos da educação ambiental**. São Paulo: Cortez, 2004.

MARTINS, I., GOUVÊA, G., PICCINICI, C. L. Aprendendo com imagens. **Ciência e cultura**. v. 57, n. 4, p. 38-40, s/d, 2005. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v57n4/a21v57n4.pdf>>. Acesso em 11 fev. 2011.

PEIRCE, C. S. **Semiótica e filosofia**. Tradução de Octanny Silveira da Mota e Leônidas Hegenberg. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1975.

_____. **Semiótica**. Tradução de José Teixeira Coelho Neto. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

PERALES PALACIOS, F. J. Uso (y abuso) de la imagen en la enseñanza de las ciencias. **Enseñanza de las ciencias**, v. 1, n. 24, 13-30, s/d, 2006.

QUEIROZ, J. **Semiose segundo C. S. Peirce**. São Paulo: EDUCÁ; FAPESP, 2004.

REIGOTA, M. **A floresta e a escola: por uma educação ambiental pós-moderna**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SANTAELLA, L. **A teoria geral dos signos: semiose e autogeração**. São Paulo: Ática, 1995.

_____. **O que é semiótica**. 1. ed., 21ª reimp. São Paulo: Brasiliense, 2005.

_____. A eloquência das imagens em vídeos de educação ambiental. In:_____. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Cengage Learning, 2008. p. 111-134.